



Editorial: Dossiê Arte e Emergência Climática

Claudia Vicari Zanatta

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 00-0003-1312-6203

Eduardo Ferreira Veras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 0000-0002-8454-1589

Diego Rafael Hasse

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

ORCID: 0000-0002-1952-2218

Osvaldo (Vado) Vergara Borges

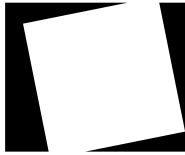
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

ORCID: 0009-0003-9153-5456

A grave enchente que assolou o Rio Grande do Sul em maio de 2024 serviu de fonte disparadora para o presente dossiê temático. Desde o primeiro momento, nos alinhamos àqueles que percebiam a catástrofe não como um evento pontual e isolado, tampouco como um capricho da natureza ou uma revolta dos deuses. A tragédia – semeada pela mão humana, cultivada pela razão neoliberal e intensificada pelas políticas negacionistas – é vista como desdobramento inevitável do acirramento da calamidade climática. Seus efeitos, segundo essa acepção, não se restringem às áreas diretamente atingidas pela destruição, mas contemplam extensões maiores do planeta, provavelmente a Terra como um todo.

A despeito de continuados alertas de cientistas, ativistas e artistas, a humanidade – conceito, que nas palavras do líder indígena Ailton Krenak, está entrando em convulsão (ANDRADE, 2022) – parece empenhada em um projeto de aniquilação, pautado antes de tudo pelo consumo e pelo

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

lucro, com repercussão em todas as esferas de convívio. Sintetiza Krenak: "Sentimo-nos como se estivéssemos soltos num cosmos vazio de sentido e desresponsabilizados de uma ética que possa ser compartilhada, mas sentimos o peso dessa escolha sobre as nossas vidas. Somos alertados o tempo todo para as consequências dessas escolhas recentes que fizemos" (KRENAK, 2019, p. 44).

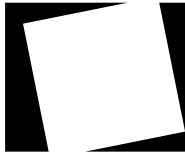
Assim, ainda sob o impacto do flagelo vivido no Sul do Brasil, imaginamos um dossiê que pudesse sistematizar distintos tópicos em torno de **Arte e Emergência Climática**, levando em conta movimentações próprias das práticas artísticas e das teorias da arte. Convidamos artistas e intelectuais que vêm enfrentando o tema e, ao mesmo tempo, ainda em junho, lançamos uma convocatória aberta. A chamada reverberou com interesse em meios acadêmicos do Brasil e do exterior. Dado o grande número de artigos e ensaios visuais recebidos, optamos – após o processo de avaliação por *pares cegos* – pela apresentação do dossiê em duas partes, ampliando na medida do possível a oferta que dirigimos a nossas leitoras e leitores.

Neste primeiro volume, publicamos artigo inédito de Franco "Bifo" Berardi, redigido especialmente para a revista *Porto Arte*. Figura incontornável no pensamento crítico contemporâneo, o filósofo e ativista italiano recupera o antigo conceito grego de *ekpyrosis* – ligado à dissolução do mundo como o conhecemos – para abordar, de um lado, o desequilíbrio climático do presente e, de outro, as teses que pretendem relativizar sua extensão.

As diferentes camadas de tempo e memória que se sobrepõem e se embaralham no convívio humano com o ambiente fomentam as proposições de outros convidados desta edição: no artigo "A visita", Marco Antonio Filho, egresso do PPGAV / UFRGS, compartilha a experiência de irmanar-se a uma árvore centenária, em um processo de luto e autoconhecimento.

Os efeitos da calamidade climática no Sul do país também servem de ponto de partida para as reflexões de Paulo Reyes e Lucas Boeira Bittencourt, respectivamente professor e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS. No artigo que submeteram, a partir de um referencial de fôlego, combinando Didi-Huberman, Bruno Latour, Stengers e Simmel, analisam um ensaio fotográfico de Tiago Antoniazzi: série em preto e branco, sem título, realizada na Porto Alegre inundada.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Também Cristiano Sant'Anna, doutorando do PPGAV / UFRGS, oferece inesperada repercussão dos alagamentos no universo das imagens. No ensaio enviado, faz potente digressão sobre o que acontece quando ele encontra, nos escombros da enchente, uma reprodução da pintura *Las meninas* (1656), de Diego Vélazquez – alterada pela umidade e pelos fungos.

A longa duração das mudanças climáticas, assim como os diferentes modos de expressá-las por meio de imagens, dá o mote para o artigo submetido por Angela Brandão. Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a autora discute – a partir de minucioso estudo das pinturas que ornamentam a capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto – o percurso de representação de fenômenos naturais, do contexto europeu do século XVIII aos territórios colonizados.

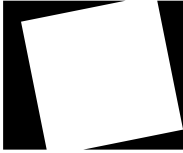
Também dois dos proponentes deste dossiê, o professor Eduardo Veras e o doutorando Diego Hasse, buscam associar ideias de deslocamento geográfico e temporal para observar o meio ambiente em suas interações com a espécie humana. Pelo viés do chamado *anacronismo histórico*, a dupla aponta similaridades entre as produções da britânica Maria Graham, artista viajante do século XIX, e da brasileira Claudia Hamerski, atuante no presente.

Uma alentada revisão dos debates contemporâneos em torno das crises sanitárias e climáticas tidas, contemporaneamente, como emergenciais dá sustentação para o artigo submetido por Maria Amélia Bulhões, decana do PPGAV / UFRGS. Articulando conceitos de *arte*, *natureza* e *tecnologia*, ela investiga o lugar da arte no panorama das catástrofes ambientais.

Proposição que não deixa de dialogar com essa emerge do artigo submetido pelas artistas e pesquisadoras argentinas Cecilia Vázquez, professora da Universidad de Buenos Aires, e Claudia Valente, doutoranda na Universidad Nacional de Tres de Febrero. Para atender à convocatória da revista, elas imaginaram uma cartografia conceitual que contemplasse poéticas coletivas de feição crítico-política: práticas artísticas que não abrem mão do viés engajado e ativista.

Por fim, outra dupla de pesquisadoras – Susana Oliveira Dias, professora do Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural da Unicamp, e Natália Aranha de Azevedo, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia, também da Unicamp – defende que se

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

avance para além dos diagnósticos perturbadores. No artigo submetido, apresentam e analisam uma experiência artística que estimula o convívio e o aprendizado humano com outras espécies; neste estudo de caso, com os sapos.

Na seção *Ensaaios visuais*, ainda em torno das relações entre o ser humano e a paisagem, nossa convidada Sylvia Furegatti apresenta “ações mínimas”, que, marcadas pela atenção e pela delicadeza, são fruto de uma breve mas impactante imersão na Floresta Amazônica, no Norte do Brasil.

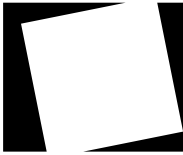
Os demais ensaios visuais que temos a satisfação de publicar neste dossiê atendem de diferentes maneiras à convocatória proposta: comentam, de forma direta ou indireta, pelo viés da ironia ou do registro documental, a sede destrutiva das enchentes. São trabalhos de Alexandre De Nadal e Marina Chiapinotto, doutorando e doutoranda do PPGAV / UFRGS, e de Peresch Aubham Edhouhou. Poeta originário do Gabão, doutorando em Estudos Literários pelo Instituto de Letras da UFRGS, Edhouhou recorre a uma insuspeitada atualização da arte hieroglífica para visualmente anunciar: *Choveu*. O ensaio *Desertificação da terra roxa* comenta, com fotografias de Bruna Carolina Pereira e pinturas de Lu Martins, o processo de degradação da terra roxa característica do interior de São Paulo, paulatinamente subsumida pelo cultivo da cana-de-açúcar.

Na seção *Versão*, Fercho Marquéz-Elul, doutorando no PPGAV / UFRGS, assina tradução – inédita em português – do artigo “O baldio domesticado”, de Gilles Clément. Publicado originalmente em francês, na revista *Urbanisme*, em setembro de 1985, o texto parte da noção de espaços “sem uso”, para extrapolar leituras ecológicas mais fechadas e discutir manipulação da paisagem e “manejo de plantas com tendência à vagabundagem”. Clément é jardineiro, paisagista, botânico e filósofo, professor na Escola Superior da Paisagem, em Versailles.

Esperamos que nossas leitoras e leitores encontrem nesta primeira parte do dossiê **Arte e Emergência Climática** um convite à renovação de seu espírito crítico, e que, juntos, como sugere Krenak, logremos imaginar a responsabilidade de uma ética que possa ser compartilhada.

Dezembro de 2024

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Referências

ANDRADE, Érico. "Ailton Krenak: 'A humanidade está entrando em convulsão. Não tem nada a ver com revolução'". In: *Carta Capital*. São Paulo, 26 set. 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Como citar: Veras, E., Zanatta, C., Hasse, D., & Borges, O. V. (2024). Editorial: Dossiê: Arte e Emergência Climática. PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais, 28(50).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001.144832>